



A FORMAÇÃO GENÉTICA E CULTURAL DO POVO BRASILEIRO: Uma Análise Interdisciplinar Biológica e Sociocultural

RESUMO:

Este relato de pesquisa tem como objetivo apresentar uma discussão interdisciplinar que conecta as ciências biológicas e a literatura, a fim de trazer à luz o debate sobre a formação genética e social da população brasileira. Essa formação é resultado da interação de processos históricos, socioculturais e biológicos, marcados pela intensa miscigenação entre povos originários (indígenas), escravizados (africanos) e colonizadores (europeus), marcadas por histórico de violência e apropriação territorial e cultural. Com base em levantamento bibliográfico e a partir de dados genômicos recentes, observa-se que a diversidade genética brasileira é uma das mais complexas do mundo, com milhões de variantes inéditas. Esses dados foram comparados com trechos da Carta de Pero Vaz de Caminha, com vistas a interseccioná-los com as percepções que os colonizadores tiveram em relação aos corpos de homens e mulheres indígenas. Com a junção dessas perspectivas, a pesquisa procura fomentar como a história da colonização, da escravidão e da resistência moldou não apenas o corpo, mas também a cultura e as estruturas sociais brasileiras.

Palavras-chave: Genoma; Formação populacional social; miscigenação; Educação para as relações étnico-raciais.

1. INTRODUÇÃO:

A formação do povo brasileiro é resultado de um processo histórico, biológico e sociocultural marcado pela intensa miscigenação entre povos indígenas, africanos escravizados e colonizadores europeus. Estudos recentes, como o de Nunes et al. (2023), que sequenciaram o genoma completo de 2.723 indivíduos saudáveis em todas as regiões do Brasil, revelam uma diversidade genética, com mais de 8 milhões de variantes genéticas inéditas, das quais 36.637 são consideradas potencialmente deletérias. Tais dados apontam uma complexidade da composição genética da população brasileira e seu vínculo com processos históricos de colonização, escravidão e imigração. A análise genômica evidencia que a miscigenação brasileira ocorreu de maneira desigual ao longo do tempo e do território nacional, com um pico nos séculos XVIII e XIX. Observou-se um padrão de acasalamento não aleatório, com viés sexual nos primeiros séculos da colonização, seguido por um padrão mais recente de seleção de parceiros com base na ancestralidade (NUNES et al., 2025).

Os primeiros escritos sobre o território brasileiro, ou seja, a Carta de Pero Vaz de Caminha apresenta sinais que justificam como se deu esse processo de acasalamento. Esse texto tinha como objetivo principal informar ao Rei D.Manuel, sobre as características da terra descoberta e dos habitantes encontrados nesse território. No documento, o escrivão descreve os indígenas a partir dos seus aspectos físicos, mas também manifesta suas percepções sobre eles:



[...] Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, compridos, pelas espáduas; e suas vergonhas tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que de as de nós muito bem olharmos não tínhamos nenhuma vergonha. (Caminha, 1500, p.08).

[...] E uma daquelas moças era toda tinta, de fundo a cima, daquela tintura, a qual, certo, era tão bem feita e tão redonda e sua vergonha, que ela não tinha, tão graciosa, que muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhes tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela. (Caminha, 1500, p.09)

Apesar de uma persistente visão romantizada da Carta de Pero Vaz de Caminha na literatura, uma abordagem mais crítica desse documento histórico tem ganhado força. Notadamente, pesquisadoras como Saive (2009), Lima (2023) e Pinheiro e Silva (2024) oferecem uma leitura aprofundada sobre a representação da mulher indígena. Elas destacam como a carta enfatiza a beleza de seus corpos, a nudez e a aparente falta de constrangimento dos portugueses ao observá-las, desmistificando a ingenuidade muitas vezes atribuída a essas descrições.

Esses resultados genômicos e documentais dialogam diretamente com a análise antropológica e histórica desenvolvida por Darcy Ribeiro em *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (1995). Ribeiro interpreta a miscigenação não apenas como um fenômeno biológico, mas como um processo cultural profundo de ressignificação de identidades. Para ele, o povo brasileiro formou-se a partir de três matrizes principais: indígena, africana e europeia que, ao se encontrarem e se misturarem, sofreram processos de “desindianização”, “desafricanização” e “deseuropeização”, produzindo uma nova identidade cultural, mestiça e complexa (RIBEIRO, 1995).

Outra interpretação relevante é a do sociólogo Jessé Souza, sobre a formação do Brasil, que complementa e atualiza o debate sobre as raízes históricas e sociais das desigualdades que marcam a sociedade brasileira. O autor em sua obra, *A Elite do Atraso: Da Escravidão à Lava Jato* (2017), traz o argumento que, a escravidão não foi apenas um sistema econômico, mas a base constitutiva da estrutura social brasileira, cuja herança permanece viva por meio da naturalização das desigualdades e da desvalorização histórica das classes populares. Esse modelo de dominação simbólica e material gerou uma sociedade baseada em privilégios, na qual a violência, o racismo estrutural e a exclusão social são mantidas por uma elite branca, violenta e misógina que tenta se dissociar de suas raízes escravocratas.



2. MATERIAIS E MÉTODOS:

A pesquisa foi formulada através de levantamento bibliográfico, foram consultadas fontes acadêmicas, incluindo documentos históricos, livros, artigos científicos e reportagens, com o objetivo de embasar teoricamente o trabalho. Este levantamento foi direcionado para temas relacionados ao genoma e a formação sociocultural da população brasileira, de modo a fornecer subsídios para a análise dos dados e a compreensão das dinâmicas, genéticas, espaciais, territoriais e populacionais.

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO:

No estudo da diversidade genética da população brasileira, foram identificadas mais de 78 milhões de variantes de nucleotídeo único (SNVs), que podem influenciar características físicas, fisiológicas e a suscetibilidade a doenças. Aproximadamente 8,7 milhões dessas variantes não estavam presentes em bancos genômicos internacionais, indicando possível especificidade ou alta prevalência no Brasil. O estudo revelou uma marcante assimetria entre as ancestralidades materna e paterna na população brasileira. O DNA mitocondrial, herdado das mães, mostrou predominância de linhagens indígenas e africanas, enquanto o DNA do cromossomo Y, herdado dos pais, indicou maior ancestralidade europeia. Essa discrepância reflete o acasalamento assimétrico durante a colonização, caracterizado pela alta mortalidade de homens indígenas e africanos e pela violência sexual contra mulheres desses grupos (PEREIRA et al., 2025). Esses dados evidenciam os impactos duradouros de um processo colonizador racista, desigual e misógino na configuração genética do Brasil e que tem a sua gênese evidenciada nos trechos da Carta de Caminha, em que se nota a visão erotizada dos corpos das mulheres indígenas.

CONCLUSÕES:

A integração entre os dados genômicos da população brasileira e documentos históricos/literários como a Carta de Caminha fundamentados pelas análises das ciências sociais permite uma compreensão ampliada da formação do país. A abordagem interdisciplinar entre biologia e literatura evidencia tanto a diversidade genética quanto os processos históricos violentos e desiguais que a originaram. Reconhecer essas dinâmicas é essencial para enfrentar as desigualdades estruturais e promover uma nacionalidade mais justa, plural e igualitária.



REFERENCIAL TEÓRICO:

CAMINHA. Pero Vaz de. Carta Pero Vaz de Caminha. 1500. Torre do Tombo, Gavetas. Gav.15, mc. 8, nº 2. Disponível <https://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2010/11/Carta-de-Pero-Vaz-de-Caminha-transcricao.pdf>. Acesso em 28 de julho de 2025.

NUNES, Kelly; SILVA, Marcos Araújo Castro e; RODRIGUES, Máira R.; LEMES, Renan Barbosa; PEZO-VALDERRAMA, Patricio; KIMURA, Lilian; SENA, Lucas Schenatto de; KRIEGER, José Eduardo; VARELA, Margareth Catoia; et al. *Admixture's impact on Brazilian population evolution and health*. Science, Washington, v. 388, n. 6748, p. eADL3564, 15 maio 2025. DOI: <https://doi.org/10.1126/science.adl3564>.

LIMA, Ellen. O retrato colonizado: a imagem do indígena brasileiro feita pelo colonizador português. In: I ENCONTRO INTERNACIONAL DE JOVENS INVESTIGADORES DE HISTÓRIA E CULTURA LUSO-BRASILEIRA: volume de estudos [recurso eletrônico]. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2023. p.17-28.

PINHEIRO, Sarah Quimba. Pega no laço, não mais! Reflexões acerca do discurso sobre as mulheres na Carta de Pero Vaz de Caminha e do Projeto de Lei nº 1.904/2024. Revista de Estudos Indígenas de Alagoas Campiô Palmeira dos Índios, v. 3, n. 2, p.104-118. 2024.

PEREIRA, L. V.; HÜNEMEIER, T.; NUNES, K. *Estudo mapeia impactos da miscigenação no DNA e na saúde da população brasileira*. Jornal da USP, São Paulo, 26 maio 2025. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/estudo-mapeia-impactos-da-miscigenacao-no-dna-e-na-saude-da-populacao-brasileira/>. Acesso em: 15 jul. 2025.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. 1. ed. Rio de Janeiro: Leya, 2011.